

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237o Silva, Marcos Antonio da
A ORALIDADE EM VENTOS DO APOCALIPSE, DE PAULINA CHIZIANE / Marcos Antonio da Silva. -
2021.
9 f.

Orientador: Iedo de Oliveira Paes.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Recife, 2021.

1. Oralidade. 2. Tradição. 3. Paulina Chiziane. I. Paes, Iedo de Oliveira, orient. II. Título

CDD 410

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A ORALIDADE EM *VENTOS DO APOCALIPSE*, DE PAULINA CHIZIANE¹

Marcos Antonio da Silva²

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade. Tradição. Paulina Chiziane.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho apresentado neste resumo expandido, tem como tema A Oralidade em *Ventos do Apocalipse* da escritora moçambicana Paulina Chiziane. As discussões sobre a oralidade têm tomado grande visibilidade no meio acadêmico nas últimas décadas, atualmente os estudos sobre o assunto evoluíram bastante, pode-se destacar a área dos estudos literários, pois a literatura bebe bastante das águas da oralidade, e no tocante as literaturas vindas das Áfricas, grande parte dos textos literários nascem da oralidade, ou seja, o oral da vida ao texto escrito. Com base nas afirmações, este trabalho por objetivo geral Mostrar a importância da oralidade no texto escrito, e com os específicos busca analisar a oralidade nos contos de Paulina Chiziane, e assim identificar os traços de oralidade contidos nesses mesmos contos, pois com base nesses objetivos pretende-se mostrar a relação do texto oral com o escrito, e se o texto oral quando transcrito pode passar a mesma emoção de quando ele foi falado, sem leituras, vindo diretamente das memórias os griots³. Assim neste contexto o presente trabalho se propõe a analisar os aspectos orais presentes no prólogo do livro *Ventos do Apocalipse* de 1995, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, neste prólogo temos três histórias que

¹ Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Firmino Soares, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob orientação do Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes. Março/2021.

² Graduando em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. E-mail: marcosantonio5005@gmail.com

³ Griots são os indivíduos que na África Ocidental tem por vocação preservar e transmitir as histórias, conhecimentos, canções e mitos do seu povo.

serão a base das análises, que são eles: *O marido cruel*, *Mata que amanhã faremos outro* e *A ambição de Massupai*. O que se vê nestes contos é que a autora fez uso de formas legítimas da oralidade, a fim de mostrar o narrador como um verdadeiro griot, um contador de histórias.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Dentre os diversos teóricos presentes neste trabalho destaco Paul Zumthor (2007), com seus conceitos sobre a oralidade e suas afirmações sobre a mesma, quando a trata como algo que possui um extenso valor social, e Zuleide Duarte sobre as narrativas orais das Áfricas, onde ela fala:

“Nas sociedades tradicionais africanas as narrativas orais configuram os pilares onde se apóiam os valores e as crenças transmitidas pela tradição e, simultaneamente, previnem as inversões éticas e o desrespeito ao legado ancestral da cultura.” (Duarte, 2009)

O método de pesquisa utilizado para elaboração deste trabalho é o bibliográfico e documental, visto que é o método que melhor se enquadra com o contexto desenvolvido, e, será que o disponibilizará a construção do conhecimento neste trabalho, para isto se tomou como base a definição de Marconi e Lakatos (2010), que diz que a pesquisa deve ser pautada na análise estrutural, descritiva e interpretativa dos dados. Foi através desta que todo o trabalho foi pautado.

3 A CONTADORA DE ESTÓRIAS, ESCRITORA E ROMANCISTA.

Paulina Chiziane é conhecida como a primeira mulher moçambicana a escrever romances, no entanto a mesma não se considera romancista, mas sim uma contadora de histórias. Iniciada pela avó na arte de contar histórias, a própria afirma que a sua vivência com sua vó na infância a transformara numa contadora de histórias. Nascida em 04 de julho de 1955, em Moçambique, numa cidade sul do país, chamada Manjacaze, ainda criança foi morar na capital Maputo, de uma família cristã protestante, fala duas línguas nacionais a Chope e a Ronga, antes de ir morar

na capital aprendeu a falar a língua portuguesa em uma escola da missão católica. Chiziane começou sua vida pública literária em 1984, onde escrevia contos que a imprensa moçambicana publicava, seu primeiro livro publicado foi *Balada de Amor ao Vento* em 1990, mas segundo a escritora não foi fácil publicar. [...]”tive que vencer várias barreiras: primeiro, por ser mulher, depois por ser negra e, finalmente, só em 90 que aparece o primeiro romance escrito por uma mulher.(Chiziane, 2019). A escritora ainda vai além ao falar das dificuldades encontradas para realizar publicações.

“(...) foi uma luta, só Deus é que sabe como... Primeiro era a falta de papel, depois a instituição que editava era só uma, que era a associação de escritores, depois quando tinha papel não havia energia elétrica, pois era época de guerra civil... ai meu Deus... foi tanta coisa ao mesmo tempo. Por outro lado também, por eu ser mulher, os homens que estavam à frente se assustavam. Então foi muita coisa, mas foi publicado”. (Chiziane,2019)

Muito embora com todos os empecilhos, a partir do segundo livro ela conseguiu fazer suas publicações em editoras fora do país, e, recebeu diversas premiações por sua escrita, dentre eles, o Prêmio José Craveirinha em 2003, a premiação se deu pelo seu livro “*Niketché: Uma História de Poligamia*”.

4 KARINGANA WA KARINGANA

O livro *Ventos do Apocalipse* está dividido da seguinte forma: prólogo, parte I e parte II. Neste trabalho será feita a análise apenas do prólogo, nele encontramos três contos que são: “O Marido Cruel”, que é a história de uma família que vive em Maputo em um passado bem distante, nessa época a região que antes era um terra fértil, começou a sofrer uma grande escassez de alimentos devido a uma longa seca que se deu na região, e a família da história que antes era feliz, começou a ter brigas entre o marido e a esposa, pois o marido a culpava por ele ter que comer pouco, pois ela havia tido muitos filhos, o homem saía sozinho pelos campos a procura de comida, até que um dia encontrou um favo de mel, recolheu o mel, colocou em um pote e o enterrou, todos os dias ele saía pra trabalhar na roça com a esposa, ia no local escondido comia e não falava nada, a mulher começou a

desconfiar, um dia o seguiu de longe e viu a cena, voltou triste, não falou nada, esperou a seca passar, quando passou chamou os familiares fez um banquete e falou quem era o marido dela na frente de todos, depois disso arrumou suas coisas e partiu com seu filhos; “Mata, que amanhã faremos outro”, este conto descreve como eram nos tempos antigos de guerra em Maputo, onde tribos inteiras fugiam pelas matas, para não serem mortas por outras tribos, nestas fugas havia uma regra, que era o silêncio total, ninguém deveria fazer barulhos, nem o bebês, aí estava o grande carma das mães, quando uma criança começava a chorar, para que a tribo fugitiva não fosse pega, era dada a missão ao pai de falar para mãe que teria que matar a criança de forma rápida e sem barulhos, aí o pai em forma de consolo se fazia da seguinte forma: “O marido abraçava carinhosamente a mulher, sussurrando ao ouvido: coragem, mulher, tinha que ser assim. Este já morreu, amanhã faremos outro” (Chiziane, 2003, p. 6); O último conto do prólogo é intitulado “A Ambição de Massupai”, “Em todas as guerras do mundo nunca houve arma mais fulminante que a mulher, mas é aos homens que cabem as honras de generais”.(Chiziane, 2003, p. 8), o conto fala da história de uma mulher linda, dotada de uma beleza ímpar, ela deixava qualquer homem a seus pés, os soldados do rei se encantavam por ela, até que um dia ela encantou um general de nome Maxalela, este homem enlouqueceu por aquela mulher ao ponto de tramar contra o rei, o general era casado com outras 12 mulheres, mas ele só tinha sua atenção por Massupai, ele a presenteou com roupas e adereços que apenas a primeira mulher tinha direito, lhe prometeu que a faria rainha, Massupai não queria dividir seu homem com as outras e disse-lhe isso, mas o general também lhe disse que não queria dividir o amor dela com os três filhos que ela tinha de outro homem, e pediu-lhe que os matasse, pois assim que ele se tornasse rei, ela seria sua rainha, e Massupai assim o fez, Maxalela com ajuda de Massupai começou seu ataque aos aliados do rei, mas o rei ficou sabendo e mandou matar o general, com isso Massupai ficou sem seu homem e sem os filhos, acabou louca escavando a sepultura dos filhos querendo ressuscitá-los.

O prólogo ainda tem sua abertura por uma epígrafe que traz toda oralidade à tona já desde o início da leitura:

Vinde todos e ouvi

Vinde todos com as vossas mulheres

e ouvi a chamada.
Não quereis a nova música de timbila
que me vem do coração?
(Gomucomu, 1943, apud Chiziane. 2010, p. 02)

A epígrafe guia o leitor para o que virar no decorrer da leitura, deixando-o ambientado com o tipo de escrita que se sucede no romance. É Interessante notar como a construção do romance já privilegia aspectos da oralidade, desde antes da história principal. Transformando os contos do prólogo em uma espécie de introdução à narrativa.

A autora utiliza os três contos de uma forma que eles dão o tom desejado nos temas que cada um apresenta, os mesmos antecipando a história principal do livro, têm por função deixar o leitor ambientado na leitura de forma como se estivesse em uma roda de contação de histórias, levando-o a viajar nas tradições orais da contação de histórias.

A construção que Chiziane faz neste romance é algo diferenciado do que costumamos ver, pois ela dá ênfase aos aspectos orais, ao trazer os três contos no prólogo ela não só inova com sua maneira de escrever, mas também remete a tradições, visto que trazer o bantu, através do provérbio popular que abre o prólogo, além da questão inovadora, temos aí a tradição oral transcrita no texto. Sobre esse fator existente no texto de Chiziane, Zuleide Duarte(2009) fala:

[...] o texto oral transmite o legado mais legítimo das culturas locais através dos exemplos que visam à solidificação dos laços entre os membros do grupo e garante o discernimento do lugar de pertença do indivíduo, sua filiação identitária, permitindo-lhe uma visão de si mesmo e do outro com um mínimo de conflitos. (Duarte. 2009, p. 182)

A partir da inserção de elementos de formas simples e ancestrais, a romancista, autointitulada contadora de histórias, consegue estabelecer uma linha tênue entre passado e presente, a tradição e a modernidade, mostrando assim um ciclo de histórias que se repete com o passar das gerações: “A terra gira e gira, a vida é uma roda, chegou a hora, a história repete-se, KARINGANA WA KARINGANA” (CHIZIANE, 2010, p. 22)

Pode-se identificar nos contos a intensão de se preservar as marcas da oralidade na escrita literária, e, essas marcas ainda mostram a preocupação em buscar manter a identidade, um vínculo entre o passado, o presente e até mesmo o futuro. Mostrando elementos nítidos da tradição bantu, onde o passado está sempre ligado ao presente, através da contação de pequenos contos e provérbios. Sobre esta transmissão da língua no meio oral Frobenius diz:

(...) um vínculo entre o presente e o passado mais poderoso do que pirâmides e bronzes e esculturas e manuscritos: a memória dos homens que não aprenderam ainda a escrever, ou que ainda não tiveram o tesouro das lembranças arruinado pelo uso excessivo da palavra escrita. (FROBENIUS Apud: COSTA E SILVA, 2005, p. 12.)

Nesse sentido, é possível afirmar que a oralidade usa a língua como instrumento para caminhar livre entre fala e escrita, sobre língua Zumthor afirma que “a língua é mediatizada, levada pela voz. Mas a voz ultrapassa a língua, é mais ampla do que ela, mais rica” (Zumthor. 2005, p. 63). Quando falamos que a voz ultrapassa a língua, trata-se aí nitidamente dos textos orais passados de geração a geração neste sentido Duarte(2009) afirma:

[...] a tradição oral é fonte preciosa, oferecendo dados de um registro de memória, livre das peias da oficialidade que tenta impedir que se faça história, atribuindo-lhe o papel indigno de mero compêndio de instruções, tentando sufocar o espírito crítico que norteia a investigação histórica. O texto oral afigura-se como um relicário em que umas das mais genuínas expressões do povo encontra guarida. (DUARTE. 2009, p. 183)

Junto com a tradição oral ocorre também o fortalecimento das identidades dos povos, pois as histórias que são passadas ao decorrer dos anos tendem a preservar as imagens locais, nesse sentido Guimarães(2009) diz que há:

[...]um fortalecimento das identidades locais, ou seja, quando os personagens assumem atitudes de: resgatar tradições culturais, narrar histórias sobre suas origens, evitar a assimilação da cultura estrangeira, rechaçar os não pretos – mulatos, indianos, europeus –, falar a língua local. (GUIMARÃES. 2009, p. 65)

E assim a oralidade, nitidamente causa influência não só na língua ou na maneira de transmissão de uma história, mas sim em todo um modo de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oralidade perpetua histórias, tanto no meio falado quanto no meio escrito, congloba experiências e emoções aos seres humanos, e, em se tratando das Áfricas Duarte (2009) nos traz a seguinte afirmação:

A oralidade, característica da função griótica, atrai a atenção devido ao apelo à imaginação ao mesmo tempo em que dá lições das culturas locais. Através da voz desses Griots e da pena dos seus tradutores, desfilam valores da comunidade que povoam suas narrativas de halakavumas, kiandas, árvores falantes, animais eloquentes e outros elementos de um mundo que mescla magia e realidade. (DUARTE. 2009, p. 06)

O que pode-se dizer que em termos de oralidade dos povos africanos, é que estes povos nunca se renderam por completo a língua do homem branco, e Chiziane deixa isso bem claro em sua escrita, esta repleta de sentimentos, ações e emoções que destacam e nos fazem viajar no mundo da cultura africana. Ela nos faz compreender de uma forma simples que o texto oral sempre levou vida aqueles povos até os dias atuais, para findar trago DUARTE (2009), falando sobre o ritual que acompanha as narrativas orais africanas:

[...] reedita o mundo ideal das ações justas e dos heróis da tradição que não se analisam pela ótica ocidental e, sobretudo, não estão sujeitos ao crivo ocidental que contrapõe valores ancestrais a uma nova escala, incompatível com códigos familiares enraizados na cultura local e sacralizados pela tradição ancestral. (DUARTE. 2009, p. 184)

7 REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. Ventos do Apocalipse. Ed. 3ª. Maputo: Ndijira, 2010.

DUARTE, Zuleide. **A tradição oral na África**. Estudos de Sociologia. Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. v. 15. n. 2, p. 181 – 189. 2009

DUARTE, Zuleide. **Karingana ua Karingana. Griots - culturas africanas: linguagem, memória, imaginário**. Organizadores: Tânia Lima, Izabel Nascimento, Andrey Oliveira. – 1.ed. - Natal: Lucgraf, p. 6 – 7. 2009

FOX, Douglas e FROBENIUS, Leo. **A gênese africana: contos, mitos e lendas da África**. São Paulo: Landy Editora, 2005.

GUIMARÃES, Flávia Maia. **Entre o Receio Da Memória e o Desejo da Palavra. Griots - culturas africanas: linguagem, memória, imaginário**. Organizadores: Tânia Lima, Izabel Nascimento, Andrey Oliveira. – 1.ed. - Natal: Lucgraf, p. 62 – 67. 2009.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

BARROS, Iolanda. **Paulina Chiziane e a Liberdade de quem conta suas próprias histórias**. <http://www.afreaka.com.br/notas/paulina-chiziane-e-liberdade-de-quem-conta-suas-proprias-historias/> <acessado em 28 de dez. 2020

GONÇALVES, JULIANA. **A escrita sagrada da romancista moçambicana Paulina Chiziane**. <https://www.brasildefato.com.br/2016/09/21/a-escrita-sagrada-da-romancista-mocambicana-paulina-chiziane> <acessado em 10 de jan d 2021>.

MARTINS, TAIANE SANTI. **Vozes ao Vento: Breve Análise de Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane**. <https://litcult.net/2017/01/10/vozes-ao-vento-breve-analise-de-ventos-do-apocalipse-de-paulina-chiziane-taiane-santi-martins/> <acessado em 05 de fev 2021>

PORTAL DA LITERATURA. **Paulina Chiziane**.

<https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=2335> <acessado em 01 de fev. 2021>

QUIVE, Eduardo. **Paulina Chiziane: o símbolo feminino na literatura moçambicana**.

https://bu.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=213 <acessado em 23 de jan de 2021>

SANTANA, Rafael Barbosa de Jesus. **Visões e interpretações de uma mulher negra moçambicana: entrevista com Paulina Chiziane.**
<https://sites.unipampa.edu.br/lehl/2019/10/26/visoes-e-interpretacoes-de-uma-mulher-negra-mocambicana-entrevista-com-paulina-chiziane/> <acessado em 20 de jan. de 2021>